

UFRGS – INSTITUTO DE LETRAS
Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa
Trabalho de Conclusão de Curso

**UM ESTUDO ACERCA DA CLASSE DE PALAVRAS CONJUNÇÃO NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Anilore Fatima Secco (Autora)

Leandro Zanetti Lara¹ (Orientador)

RESUMO: O presente trabalho insere-se nos estudos morfológicos e visa a investigar a definição e a classificação da classe de palavras *conjunção* no Português Brasileiro. Para tal, contraporemos aos estudos gramaticais tradicionais – Rocha Lima (1986) e Cunha e Cintra (2001) –, as contribuições de Said Ali (2002), Bechara (2009), o conceito de classe aberta e fecha de palavra, bem como os estudos lexicais de Gross (2010). Como veremos gramáticos e linguistas não são unânimes em suas apreciações acerca do tema, oferecendo interpretações díspares seja para a definição, seja para uma possível tipologia das conjunções, ou mesmo para a terminologia gramatical utilizada. Assim, observaremos a referida classe de palavras nos seguintes âmbitos: 1) nomenclatura, no que diz respeito à distinção *conjunção/locução conjuntiva*; 2) natureza, no que toca à noção de classe de palavras aberta *versus* à de classe fechada; 3) classificação morfológica, no que tange ao estabelecimento dos limites entre as classes *conjunção* e *advérbio*. Munidos desta análise teórica, voltaremos o olhar para uma questão de cunho pedagógico: como os livros didáticos tratam esta categoria morfológica?

¹ Professor da 5ª Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa, UFRGS.

Para isso, examinaremos os textos de Cadore (1999), Penteadó, Lousada, Marchetti, Strecker e Scopacasa, (2011, 2012, 2013), e Terra e Nicola (2006), com vistas a sintetizar os aspectos teóricos e práticos do tema em estudo.

Palavras-Chave: Morfologia, Classe de Palavras, Conjunção.

Introdução

Como é consabido, o estudo das classes de palavras remonta à Grécia Antiga, porém tantos séculos de investigação não garantiram que, chegados os nossos dias, pudéssemos dispor de critérios claros e precisos para a delimitação das classes. Muito ainda há que ser pesquisado em relação a este tema, cuja relevância na história do ensino de português no Brasil é de ser notada. Em virtude de as aulas de português, em décadas passadas – e ainda hoje – privilegiarem os estudos gramaticais, afastando-se das abordagens textuais ou pragmáticas da língua, muitas vezes, a aula de português tem sido sinônimo de aula de gramática e, mais especificamente, de análises morfológica e sintática. Nomear as classes de palavras e tentar classificar as palavras tem sido uma prática comum, porém sempre direcionada para exemplos modelares e fugindo das zonas cinzentas, ou seja, das ocorrências que parecem poder pertencer a mais de uma classe ao mesmo tempo. Os limites fluidos entre as classes abertas (lexicais), tais como substantivo e adjetivo (*o homem velho* versus *o velho*), verbo e adjetivo (*incomodado*, entre outros tantos participípios) ou adjetivo e advérbio (*ele é alto* versus *falou alto*), não raro figuraram entre as preocupações dos estudiosos de morfologia e léxico, mas entre as classes fechadas (também chamadas de instrumentos gramaticais), como preposições e conjunções ainda carecem de estudos mais aprofundados.

Bem intencionados professores de português, ao recorrerem aos manuais de gramática para resolverem suas dúvidas, muitas vezes se deparam com incongruências, nas descrições das classes morfológicas, que parecem intransponíveis. Neste sentido, o presente artigo visa a fornecer alguma espécie de contributo para aclarar distinções importantes no que tange à classe das conjunções. Estas são analisadas nas seguintes dimensões:

1. Partimos das definições de conjunção e locução conjuntiva presentes em estudos gramaticais consagrados. Na primeira seção do artigo, exporemos como os gramáticos de viés

mais tradicional interpretam as conjunções no que diz com a sua nomenclatura, definição e classificação. Os autores eleitos para o nosso estudo foram Rocha Lima (1986) e Cunha e Cintra (2001).

2. Na sequência, faremos um contraponto com outras visões sobre o assunto, focalizando dois gramáticos que, no que toca às conjunções, divergem da opinião daqueles de viés mais normativo (citados acima). Estes são Said Ali (2002) e Bechara (2009). E a primeira questão a ser tratada é a das *locuções conjuntivas*, que ora são consideradas como integrantes da classe conjuntiva, ora são vistas como uma classe intermediária entre conjunção e advérbio, desembocando numa questão correlata que diz respeito à classificação das conjunções como classe fechada de palavras, a ser analisada em mais detalhe na seção 3 deste artigo.

3. Também efetuaremos uma comparação das definições e classificações dos quatro gramáticos focalizados neste estudo buscando discorrer acerca de uma questão apontada por Gross (2010) em seus estudos de *corpora*, de cunho quantitativo (estatístico): não seriam as conjunções uma classe aberta de palavras, dada a possibilidade de criação lexical (de locuções conjuntivas) infinita?

4. Comparando a visão de Gross (2010) e de Bechara (2009), discorreremos acerca da relação e possível sobreposição das classes de palavra *conjunção* e *advérbio*, buscando precisar pontualmente que lugar na gramática ocupariam as conjunções em relação aos advérbios.

5. Da análise teórica proposta, decorrerá um breve debate acerca de como se dá o ensino-aprendizagem das conjunções. A título exemplificativo, estaremos observando tanto as definições, nomenclatura e classificações quanto as avaliações/exercícios sugeridos pelos seguintes autores. Cadore, (1999), Terra e Nicola, (2006) e Penteadó, Lousada, Marchetti, Strecker e Scopacasa, (2011, 2012, 2013).

A última sessão trará as conclusões do trabalho.

1. A Contribuição dos Estudos Gramaticais para a Descrição das Conjunções

Veremos aqui as posições de dois expoentes no cenário dos estudos gramaticais: Rocha Lima (1986 (1956)), Cunha e Cintra (2001 (1985)).

Para Rocha Lima (1986), as conjunções são definidas como vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. Trata

a coordenação como “a comunicação de um pensamento em sua integridade, pela sucessão de orações gramaticalmente independentes”. Em relação à subordinação, diz que há uma oração principal, que “traz para si”, como dependente, outra ou outras. Dependentes porque cada uma representa um significado à maneira de um item lexical em relação a uma oração, correspondendo a diferentes funções sintáticas exercidas no âmbito frasal pelos substantivos, adjetivos e advérbios.

O referido autor aponta que as conjunções coordenativas em relação às coordenadas estão mais próximas ao de uma ênfase, haja vista, em muitos casos, inclusive, a possibilidade de um período sindético poder facilmente ser substituído por um assindético sem perdas para o seu significado global. Um universo totalmente distinto dos períodos constituídos por coordenação é aquele do tipo oração principal mais subordinada: aqui não é uma questão de ênfase, muito antes pelo contrário, o papel das conjunções subordinativas é fundamental, em virtude de traduzirem a dependência estrutural-semântica entre as orações, bem como, muitas vezes, a de marcar de que tipo de dependência (relação) semântica se trata (causa, concessão, etc.).

Podemos ver que Rocha Lima se aproxima em larga escala do modelo prescrito pela NGB: por exemplo, em relação às coordenativas, mantém a estrutura de cinco subclassificações, que será posta em xeque por outros estudiosos, como veremos mais adiante, ao apresentarmos a abordagem de Bechara (2009).

Cunha e Cintra seguem a tendência geral de definir as conjunções como vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. Para aquelas que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical valerá a denominação de coordenativas.

Ex: “O tempo e a maré não esperam ninguém”

Denominam as subordinativas como as conjunções que ligam duas orações, em que uma das quais determina ou completa o sentido da outra.

Ex: “Eram três da tarde quando cheguei às arenas romanas.”.

Cunha e Cintra se referem às conjunções muito semelhantemente de como é feito na NGB, classifica, mormente do que tange ao fato de que todos os termos capazes de unir

orações independentes são conjunções coordenativas. São determinados na hora de avaliar esses conectores, não deixando dúvidas a respeito de sua natureza de elemento de união, denotando a eles a capacidade de não sofrer alterações com a mudança de construção, já que seu papel é ligar termos independentes e de idêntica função dentro da oração, por isso seu atributo é apenas o de adicionar, igualar ou alternar. Ainda da mesma forma que se dá na NGB, concordam que todos os termos que constituem a coordenação são conjunções (não apresentado qualquer gradação dentro das classes, como Rocha Lima, nem antecipando Bechara (2009) ou outros que criticam o *status* de conjunção do, *todavia*, entre outros, por exemplo). As conjunções coordenativas são apresentadas sintaticamente como um termo que se posiciona estático entre as orações como forma coerente de obter significado entre os termos, morfologicamente invariáveis não permitindo o acréscimo de desinências, por isso são morfemas gramaticais, seu significado só é possível semanticamente pela relação que estabelecem entre os enunciados.

Às conjunções subordinativas estes autores atribuem à função de ligar duas orações, sendo que uma delas tem papel de determinar ou complementar o sentido da outra, funcionando sempre como um termo essencial integrante ou acessório da outra oração, atribuindo a esses enunciados um estado de dependência.

Cunha e Cintra apresentam o caráter das conjunções de forma sucinta. Lembram da importância da semelhança entre as unidades a serem ligadas, embora pouco se prendam à questão estrutural vinculada às conjunções.

Conjunções são os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração”.

As conjunções que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de COORDENATIVAS.

Conjunção Coordenativa, não se altera com mudança de construção, pois liga elementos independentes, estabelecendo entre eles relações de adição, e de igualdade ou de alternância.

Denominam-se SUBORDINATIVAS as conjunções que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra.

As conjunções subordinativas classificam-se em Causais, Concessivas, Condicionais, Finais, Temporais, Comparativas, Consecutivas e Integrantes.

As Causais, Consecutivas, Condicionais, Finais, Temporais, Comparativas e Consecutivas iniciam orações adverbiais. As integrantes introduzem orações substantivas. Cunha e Cintra (2001)

Neste ponto, gostaríamos de trazer a interpretação de Bechara (2009) e de Said Ali (2002) para tentar aclarar tais questões. Bechara (2009) trata a classe de palavras das

conjunções. Primeiramente, há que se destacar que este autor inova, distanciando-se muitos autores até agora citados, na medida em que se utiliza de duas noções-chave para analisar a questão das conjunções, a saber, os conceitos de *conector* e *transpositor*. Tais noções são, logicamente, associadas, respectivamente às de coordenação e de hipotaxe. São unidades da língua que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Em relação à distinção coordenativas/subordinativas, as primeiras reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se independentes umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados. As segundas têm a missão de assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado se insere num enunciado complexo em que perde sua característica de enunciado independente de uma oração para exercer um nível inferior da estruturação gramatical (Bechara, 2009: 319), donde a noção de *transposição* de uma oração *ao nível de palavra* (quando vale por um substantivo, adjunto, adjetivo, etc.).

Ex: “Soubemos que vai chover”

O exemplo citado pelo gramático representa uma oração subordinada, o enunciado “vai chover” que poderia ser sozinha uma oração, perde seu caráter para se tornar objeto direto de soubemos.

2. Conjunções *versus* locuções conjuntivas

Cabe aqui ainda uma crítica referente à nomenclatura gramatical de viés tradicional. Em Cunha e Cintra, entre outros, não existe, quando da abonação e/ou exemplos, uma distinção clara entre *conjunção* e *locução conjuntiva*. Destaca-se o fato de que muitas conjunções aparecem na lista das locuções e as locuções na lista das conjunções. Podemos exemplificar com a lista das *conjunções finais* “para que, a fim de que, de que” (Cunha e Cintra, 2001, p. 573) ou do aparte dos autores referente às locuções conjuntivas:

Locução Conjuntiva

Como vimos, há numerosas conjunções formadas da partícula que antecedida de advérbios, de preposições e de participios: *desde que, antes que, já que, até que, sem que, dado que, posto que, visto que*, etc.

São as chamadas LOCUÇÕES CONJUNTIVAS.

Se nos pautássemos por esta definição e revisássemos todos os exemplos de conjunções presentes no texto de Cunha e Cintra, chegaríamos à conclusão de que praticamente todos os casos são de locução conjuntiva, salvo o grupo *que, porque, porquanto, conquanto, como, pois, embora, caso, quando, enquanto, mal, apenas, conforme, segundo, consoante, e se*, mais as coordenativas. Porém, se de tal grupo descontássemos as formas compostas (*porque*, etc.), deadverbiais (*como*, etc., cujo *status* de advérbio em vez de conjunção deveria ser debatido à parte, como faz Said Ali (2002) e de preposicionais (*segundo, conforme*) seria reduzido a *que* e *se* mais as coordenativas). Destas, se levássemos em conta as reflexões de Rocha Lima sobre o que é central e o que é periférico (e que Said Ali, chamará de *adverbial*) em termos da subclasse *conjunção coordenativa*, formaríamos um grupo diminuto de *conjunções*: *e, mas, ou, que* e *se*. Não entraremos aqui a fundo na questão das formas compostas, mas podemos adiantar que se baseiam na adjunção de preposições à conjunção *que* ou a algum advérbio (*quanto*, etc.), o que não modifica em nada o quadro que acabamos de delinear, caracterizado pela dupla *que/se*, seguidos das três coordenativas básicas mais as derivadas de outras classes (advérbios e, raramente, preposições).

Até, buscamos determinar o que é conjunção propriamente dita, diferenciando das locuções conjuntivas e das conjunções que parecem ter uma natureza mista, geralmente sendo advérbios (e eventualmente preposições) postos num *uso* conjuntivo. À questão da distinção locução conjuntiva / conjunção está ligada uma noção fundamental em morfologia: a de classes aberta e fechada de palavras, como veremos agora na seção 3 do presente estudo.

3. Conjunções: classe fechada de palavras?

Por detrás da discussão do que é conjunção e do que é locução conjuntiva, oculta-se uma mais profunda: que itens do léxico do português brasileiro podem realmente ostentar a designação de *conjunção*? Ou talvez: se maioria das locuções conjuntivas são deadverbiais e se muitas das consideradas conjunções coordenativas têm propriedades sintáticas e semânticas de advérbio, a classe da conjunção não deveria ser redefinida?

Nota-se nas conjunções, que a falta das demais partículas suprem-na criações novas e, como foi visto anteriormente existem advérbios que se adaptaram ao papel de conjunção, assim como o amplo emprego de “que” simples, ou combinado com preposições e com advérbios ou locuções de caráter adverbial, além de formas verbais como “quer” que formam onde quer, quando quer,... etc.

A oscilação entre as conjunções e as locuções realmente trazem dúvidas, quanto ser uma classe fechada, pois, se esses termos aceitam adaptar-se, multiplicando-se em de natureza semelhante, não seria mais correto defini-los como uma classe aberta de palavras?

As conjunções são uma classe de palavras que ainda deve ser muito explorada, pois há muitas interrogações para serem respondidas, os lingüistas, já estão procurando aclarar mais esses pontos cinzentos que nos deixam duvidas entre conjunções, locuções e advérbios, mas acredita-se que no campo das conjunções ainda há muito para se investigado.

Outro argumento que se soma ao que vimos expondo é o de Gross (2010), que focaliza o fato de que, se consideramos as locuções conjuntivas como pertencentes à classe das conjunções, teríamos que estas não são uma classe fechada de palavras, mas uma classe aberta, visto que há infinitas possibilidades de locuções conjuntivas (sobretudo adverbiais). Em suma, a noção tradicional de *conjunção* como sendo uma classe fechada de palavras, constituída pelas cinco subclasses coordenativas mais as integrantes e as adverbiais (muitas destas locuções) entra em choque com os dados linguísticos (sintaxe/semântica das conjunções *versus* sintaxe/semântica adverbiais), bem como com os empíricos (lexicais), no sentido de a criação lexical permitir acréscimos infinitos a uma classe em princípio fechada e também no sentido da existência das locuções conjuntivas ou não (seriam advérbios travestidos de conjunção).

A lista que Gross (2010) apresenta é grande e o autor frisa que há mais de 2.000 locuções conjuntivas no francês. Sendo assim, como chamar as conjunções uma classe fechada de palavras? Se pensarmos nas ocorrências do português brasileiro, tomando uma das subclasses, as finais, por exemplo, veremos que facilmente a lista parece ser infinita realmente ou na melhor das hipóteses com milhares de possibilidades, como aponta Gross:

para que
a fim de que
com o intuito de que
no intuito de que
com a intenção de que
com vistas a
com o propósito de
com o objetivo de
no afã
no sentido de que
etc.

Na seção 4 deste artigo, adentraremos mais na questão conjunção/advérbio, mas por enquanto podemos encerrar esta discussão realçando a necessidade de critérios mais precisos e rigorosos para definir e classificar as conjunções. Talvez tenha escapado a Gross a importância da relação conjunção/advérbio, porque não são todas as subclasses de conjunção que constituiriam subclasses abertas de palavras. Às integrantes se podemos acrescentar pouquíssimos advérbios interrogativos que servem às vezes de introdutores das subordinadas substantivas e nada mais. Às coordenativas, seja na visão tradicional com as cinco subclasses, ou na visão de Bechara/Said Ali do trio *e/mas/ou*, sabemos que não cabe a possibilidade de criação lexical. O que nos resta são as adverbiais, cujas locuções conjuntivas são infinitas. Então, deveríamos rever a crítica de Gross. Pois não é o caso que as conjunções sejam uma classe aberta de palavras, parece muito mais o caso de que estas constituem, sim, uma classe fechada, porém que dialoga com uma classe mista conjunção/advérbio (conjunções adverbiais), que, bem à moda dos advérbios, são infinitos, ou para não sermos hiperbólicos, são numerosos e sempre abertos a novas inserções lexicais. Vejamos alguns exemplos que atestam a riqueza lexical do português no que diz com as locuções conjuntivas adverbiais:

LOCUÇÕES CONJUNTIVAS ADVERBIAIS	
CONCESSIVAS	ainda que, de modo que, embora que, tão que, conquanto que, tamanho que, posto que, tanto que, se bem que, visto que, mesmo que, ainda que, mais que, melhor que, melhor do que, pior que, pior do que, mais que, mais do que, menos que, menos do que
FINAIS	com o sonho de, afim de que, com o intuito de, com o objetivo de, com a intenção de, com vistas a, com a vontade de, com o intuito de, com a certeza de, com a esperança de, com a alegria de
TEMPORAIS	ao passo que, no instante que, apesar de quando, no momento que, bem na hora que, no momento em que, bem na hora em que, no princípio que, bem no dia que, nos tempos que, certamente quando, hoje que, depois que, pouco antes que, desde que, quando que, enquanto que, qualquer hora que, especialmente quando, sempre que, exatamente agora, sempre quando, exatamente quando, senão quando, já que, toda hora que, justo quando, todo instante que, justo agora, todo momento que, justamente quando, todo tempo que, logo que, uma vez que, logo agora, um dia que, logo hoje, um instante que, logo depois, um momento que, logo depois que, várias vezes que, logo no ano que, vários dias que, logo no dia em que, várias horas que, mal viajou, vários anos que,
CONSECUTIVAS	de jeito que, de maneira que, de sorte que, por mais que, de forma que
PROPORCIONAIS	à medida que, à porção que, quanto mais, quanto menos, quanto menor, quanto maior, quanto melhor, quanto mais
CONDICIONAIS	se, caso, contanto que, a menos que, a não ser que, desde que, salvo se, exceto se

Dada essa “proliferação lexical” das adverbiais, que é tão distinta da exiguidade das coordenativas, por exemplo, toca-nos buscar uma síntese ou uma possível interpretação para o que vimos falado seria considerar que há dois extremos entre as variedades de formação lexical no que toca às conjunções. Num dos extremos estão as conjunções

propriamente ditas, monolexicais, formando uma classe fechada de palavras – *que* e *se* [subordinativas] e *e*, *mas* e *ou* [coordenativas] – , e, no outro extremos, teríamos as formas mistas (conjunção/advérbio) das locuções conjuntivas adverbiais, que formam uma classe à parte no português (e, pelo visto, pelo menos também no francês), constituindo uma classe aberta de palavras. No centro, teríamos as conjunções e locuções conjuntivas coordenativas deadverbiais que se somaram às clássicas *e/mas/ou* ao longo da história do português, porém não geram mais frutos, ou se os geram, é numa velocidade lenta, imperceptível se comparamos com o fenômeno da criação e expansão do léxico das adverbiais, conforme o gráfico abaixo:

CLASSE DE PALAVRAS			
classe fechada			classe aberta de palavras
CONJUNÇÕES			(CONJUNÇÕES) ² ADVERBIAIS
INTEGRANTES	COORDENATIVAS	COORDENATIVAS DEADVERBAIS	CAUSAIS, CONCESSIVAS, COMPARATIVAS, ETC.
<i>QUE, SE</i>	<i>E, MAS, OU</i>	<i>PORÉM, CONTUDO, ENTRETANTO, ETC.</i>	

4. Conjunção *versus* advérbio

Retomemos aqui a posição de Rocha Lima acerca das adversativas. É interessante a análise deste autor que contradiz uma divisão estaque em cinco subclasses perfeitamente “aristotélicas” (no sentido usado por Taylor (1995)). Rocha Lima intui uma gradação no seio das adversativas, enfatizando que seria o, *mas* a conjunção adversativa por excelência, enquanto as demais companheiras adversativas teriam certa força adversativa, porém sem um acento tão marcado no contraste das idéias, constituindo antes mais uma espécie de concessão atenuada do que verdadeiramente uma oposição.

Ex1: “Gosto de navio, *mas* prefiro avião.”.

Ex2: “Ele falou bem; *todavia*, não foi como eu esperava.”.

Ao contrário do, *mas*, que se usa somente no início de oração, as demais conjunções adversativas podem vir no início da oração ou deslocadas.

Ex1: Gosto de navio, porem prefiro avião.

² Um trabalho específico deveria debater se são advérbios com um uso conjuntivo ou simples advérbios.

Ex2: Gosto de navio; prefiro porem avião.

O autor refere que o, *mas* seria a conjunção adversativa por excelência, sendo que os demais itens que normalmente são listados nesta subclasse das conjunções coordenativas se distanciam das propriedades do, *mas* (que não se desloca à maneira de um advérbio, como o fazem, *todavia* e *contudo*, por exemplo). Com isso, tenciona Rocha Lima destacar a força plena de, *mas* como conjunção adversativa, não presente da mesma formara as demais adversativas. Esse critério utilizado pelo autor desvia-o do estilo tradicional, que classifica todas as conjunções adversativas sob os mesmos critérios (Rocha Lima, 1986, p. 160):

Conjunções são palavras que relacionam entre si:

- a). dois elementos da mesma natureza (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, advérbio + advérbio, oração + oração, etc.);
- b). duas orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação.

As conjunções do primeiro tipo chamam-se coordenativas; as do segundo, subordinativas.

Este exemplo demonstra o quanto de reflexão verdadeiramente linguística há na tradição gramatical, que muitas vezes é entendida apenas como meramente *normativa*. Análises linguísticas requintadas como esta de Rocha Lima (e tantas outras de Almeida (1956), que não citamos neste trabalho por falta de espaço) ficam não raro eclipsadas sobre o rótulo de *gramática puramente prescritiva*. Ainda que de uma forma bem intuitiva, pois o feliz exemplo não faz com que Rocha Lima vá longe ao ponto de reformular a classificação tradicional (como ocorrerá mais tarde com Bechara (2009) e outros gramáticos modernos), Rocha Lima se acerca, aqui, em certa medida, da noção classe como tempo um exemplo mais típico (*hard core*) e uma periferia diluída, cujos membros poderão inclusive conjugar de propriedades de outras classes vizinhas (no caso, a concessão). Não estamos aqui dizendo que este gramático antecipa a Teoria dos Protótipos de Rosch, Taylor e outros, mas queremos apenas, com isso, ressaltar que a tradição não é constituída apenas do *tradicional*, trazendo em seu bojo um conteúdo que deve ser explicitado antes de apenas criticado.

Bechara (2009) vai ao extremo, considerando que tais itens (*todavia*, *contudo*, *entretanto*, etc.) nem mesmo conjunção são, pertencendo à outra classe, aproximando-se das conjunções mais por contingência do que por essência.

Essas duas classes possuem valores distintos dentro da oração. A primeira possui o caráter de unir ou subordinar os termos da oração, e a segunda tem o caráter de assumir

funções diversas pela sua mobilização dentro da oração. A gramática tradicional da língua portuguesa tem nomeado entre as conjunções, algumas que são (advérbios) de cunho questionável, segundo os gramáticos que pesquisamos, são elas; *enquanto*, *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *conquanto*, *contudo*, *todavia*, etc. Segundo os gramáticos que estudamos, são advérbios com valor adversativo, e, portanto, não se enquadram no papel das demais conjunções coordenativas, já que os advérbios possuem mobilidade na oração seguindo o núcleo do verbo, e as conjunções coordenativas possuem uma característica própria de efetivar a coordenação entre subordinadas de mesmo valor e com a mesma função sintática, como substantiva, adjetiva ou adverbial. De acordo com esses gramáticos, a única e verdadeira conjunção coordenativa com valor adversativo é “*mas*”, enquanto as outras palavras citadas são levadas pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a exercer a função de conjunção. Segundo Bechara não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era missão antiga, que pode ser observada em Epifânio Dias e Maximino Maciel, nas últimas versões de suas gramáticas.

Para Bechara, as conjunções coordenativas, são conectores, e as conjunções subordinativas, transpositores. As coordenativas são, ainda, analisadas em três tipos, conforme o significado subjacente à relação das unidades que unem: são elas aditivas alternativas e adversativas (p. 320). Note-se aqui uma relevante diferença em relação à tradicional classificação das conjunções: na presente distribuição das subdivisões classificatórias das conjunções ficaram excluídas as tão frequentemente incensadas (na NGB, entre outros) conclusivas e explicativas. Salienta Bechara que é lição antiga não incluir as conclusivas e explicativas entre as conjunções coordenativas da língua portuguesa, aponta que os termos que integram esses dois tipos são unidades adverbiais, e não conjunções coordenativas, pois marcam relações textuais e não desempenham o elo conector das conjunções coordenativas, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

O autor enfatiza seu argumento provando que esses advérbios não são conjunções coordenativas e que desempenham diversas funções podendo se compatibilizar em exemplos como:

Ex1: “Não foram ao mesmo cinema e, *portanto*, não se podiam encontrar.”

Ex2: “Ele e, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denuncia.”

Ex3: “Não queremos pensar na morte, e *por isso* nos ocupamos tanto da vida” [MM].

Cabe ao e, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto portanto, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção e e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

Ex1: “Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se podiam encontrar.”

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

Ex1: “Não foram ao mesmo cinema e não se podiam encontrar.”

O linguista aponta como não sendo próprio do advérbio o papel de conector, podendo aparecer até em uma oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

Ex: “Nunca perdemos de vista o nosso interesse, ainda mesmo quando nos inculcamos desinteressados” [MM].

Outra diferença entre conjunção coordenativa e os advérbio, apresentada é que só as conjunções efetuam a coordenação entre as orações subordinadas equifuncionais, ou seja, do mesmo valor que as (*substantiva adjetiva e adverbial*) e com a mesma função sintática.

Ex: “Espero que estudes e que sejas feliz.”

A seguir Bechara demonstra que assim como os advérbios que mantém com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais livre, esses advérbios, nomeados pela NGB como conjunções conclusivas e explicativas, podem aparecer em qualquer posição dentro da oração em que se inserem: A seguir apresenta alguns exemplos.

Ex1: “Eles não chegaram nem toda via deram certeza da presença.”

Ex2: “Eles não chegaram nem deram, toda via certeza da presença.”

Ex3: “Eles não chegaram nem deram certeza da presença, todavia.”

É notável nesse autor seu estilo inovador, assim como nos termos já apresentados, ele revela sua tendência moderna ao se referir as orações subordinadas, ora se refere como oração complexa ora como oração degradada. Quanto à conjunção subordinativa, se refere como transpositor de orações subordinada ou degradada, e ao citar o “que” apresenta-o como transpositor relativo e “repetidor” de advérbio.

Esse gramático se sobre sai aos demais citados pela linguagem despojada ao se referir as conjunções.

Said Ali, (2001)

Segundo, Said Ali, a conjunção é geralmente tida por uma classe de palavra invariável que serve para ligar as orações, por isso, é um vocábulo destinado a funcionar como elo entre os enunciados mais ou menos complexos dos pensamentos.

Chamam-se geralmente coordenativas as conjunções que estabelecem paralelismo sintático entre as orações, e subordinativas aquelas que apresentam uma oração como elemento integrante ou modificativo de outra, isto é, dão-lhe o caráter ou de substantivo ou de advérbio. Mas a linha de demarcação entre as coordenativas e as subordinativas adverbiais não é bastante clara. Nenhuma dúvida há sobre as espécies copulativa, adversativa e disjuntiva, que pertencem ao primeiro grupo; porém entre as partículas causais figura porque ora como coordenativa, ora como subordinativa...

Pelo que podemos observar nessa citação, nota-se que esse teórico, assim como Bechara se difere da NGB, no que tange a definição das conjunções, ao se referir as conjunções coordenativas, ele as aponta como aquelas que estabelecem paralelismo entre as orações e, as subordinativas as que apresentam uma oração como elemento integrante ou modificativo de outra e, assim como Bechara garante que a linha de demarcação entre as coordenativas e as subordinativas adverbiais não é clara o bastante. Segundo Ali, a conjunção não possui um simples valor mecânico entre as orações, serve para evitar que na linguagem duas proposições se apresentem ambas como iniciais. A conjunção dá a uma delas o caráter de seqüente, ou seja, assinala a relação lógica em que a seqüente está para a inicial. A influência exercida pela conjunção não é como a do advérbio conjunção sobre um vocábulo, pois a conjunção influencia toda uma oração em conjunto, enquanto que o advérbio assinala uma característica do verbo.

Este lingüista assim como Bechara discorda de que os termos *contudo*, *todavia*, *entretanto*, *no entanto*, etc., sejam conjunções, segundo ele seu uso é puramente ocasional dos vocábulos, aponta que resta saber se fora deste caso servem de conjunção ou de advérbio. A tendência de incluí-los nas adversativas é por terem sentido semelhante ao da palavra “mas”, mas o fato é que se encontram na fronteira indecisa entre o advérbio e a conjunção.

Como resumimos mais acima, na seção relativa às classes aberta e fechada, de palavras, talvez fosse mais prudente, pelo menos se se levar em consideração os fatores criação, formação e produtividade lexicais, distinguir de um lado uma classe fechada (das conjunções) e uma classe aberta, constituída pelas conjunções adverbiais, ou por puros advérbios, ou ainda por uma classe mista, que estaria ainda para ser definida, algo como conjunção-advérbio. Outra possibilidade é considerarmos que tais itens do léxico estariam distribuídos de forma a constituir um espectro não discreto, num extremo estariam as

conjunções-advérbio que tendem a ser mais conjuntivas (e que são poucos elementos) e do outro as conjunções-advérbios que tendem a ser mais adverbiais (e que tem um número ilimitado de elementos). Isto talvez extrapole os objetivos da presente pesquisa, mas poderia muito bem servir de guia a uma investigação mais profunda das conjunções do português, pois é consabido que no latim, até onde se podem lançar olhos em sua diacronia, todas as conjunções advêm de advérbios. Uma pesquisa histórica aqui cairia muito bem para complementar esta pesquisa lexical, pois seria útil sabermos se no português também ocorreu o mesmo tipo de derivação/formação lexical.

4. Livros didáticos

Cadore, (1999, 286), define a conjunção como, palavra invariável que liga duas orações entre si ou, dois termos de mesma função dentro da oração, que estabelecem uma coordenação entre duas palavras, locuções ou orações de mesmo valor.

Ex: “André e Felipe correm.”

Conjunções Subordinativas são as que subordinam uma oração à outra, ou a um termo da oração. Uma oração é principal e a outra é subordinada.

Ex: “Espero que me compreendas.”

Apesar de se tratar de um livro didático, o autor não dá muita informação a respeito das conjunções simplesmente trás esses enunciados e segue com duas tabelas que ilustram as conjunções. A seguir apresenta as locuções conjuntivas, se referindo a elas como um conjunto de palavras com valor de conjunção, que geralmente se constitui de que, precedido de advérbios, preposições ou participios, e apresenta alguns exemplos como, ainda que, se bem que, mesmo que,... etc. A partir disso segue com alguns exercícios tal qual as gramáticas oferecem, que são de destacar nas frases as conjunções. Esse autor além de seguir fielmente o modelo tradicionalista oferece uma atividade pouco criativa e sem estímulo para os alunos, como o que aparece a seguir.

Ex: “Ele não é a favor nem contra o plebiscito.”

No exemplo acima o aluno deveria destacar a conjunção coordenativa e classificá-la de acordo com a circunstância. E após trás mais exercícios seguindo o mesmo modelo só que desta vez com as conjunções subordinativas.

Este livro didático trás bons textos de diversas épocas e diferentes linguagens há exercícios relativamente bons de interpretação textual, mas peca na hora de trabalhar com a morfologia das palavras.

Para Terra e Nicolas, (2006: 258), conjunção é a palavra invariável que liga duas orações ou dois termos que exercem a mesma função sintática dentro de uma oração. Segundo os dois conjunções, assim como as locuções conjuntivas, classificam-se em coordenativas subordinativas. As coordenativas ligam termos que exercem a mesma função sintática, ou orações independentes (coordenadas). Enquanto que as conjunções subordinativas ligam duas orações sintaticamente dependentes. Dá-se o nome de locução conjuntiva ao conjunto de duas ou mais palavras com valor de conjunção, são elas; contanto que, apesar de, á medida que, a fim de que, etc.

Esses autores diferem do primeiro ao apresentar às locuções conjuntivas junto com as conjunções, quando geralmente nas gramáticas e nos demais livros didáticos que observamos, as locuções aparecem depois, separadas, como se não fizessem parte das conjunções. A apresentação das conjunções segue da mesma forma que o primeiro e de acordo o modelo tradicional, em forma de listagem. Quanto aos exercícios trabalha com textos é mais moderno e inovador, pede para que os alunos encontrem no texto as conjunções e as classifiquem, também pedem para identificar a diferença entre conjunção e locução e para criar orações nos modelos das destacadas nos textos. A maneira de trabalhar o ensino de morfologia nesse livro é bem mais criativo e interessante que o anterior, pois, trabalhar com gramática aplicada aos textos é uma forma de estimular os alunos ao habito da leitura e também de ensinar o estudo da gramática de um modo mais prazeroso do que o método de decorar tabelas.

Ana Elisa de Arruda Penteadó, Eliane Gouvêa Lousada, Greta Marchetti, Heidi Strecker e Maria Virginia Scopacasa, (2011, 2012, 2013) apresentam uma forma bem mais moderna de abordar o assunto conjunções, primeiro trazem uma história em quadrinhos, e a seguir há alguns exercícios de reflexão sobre o texto apresentado, após definem as conjunções como uma classe de palavras invariáveis que tem por função conectar orações ou termos semelhantes da mesma oração. Por ter essa função, as conjunções também são chamadas de conetivos. Dividem-se em coordenativas e subordinativas.

O manual segue com novas histórias em quadrinhos sobre as quais serão feitos vários exercícios muito interessantes referente as conjunções e assim, segue outros textos com exercícios bem inovadores diferindo totalmente dos outros dois apresentados. A ilustração das

conjunções também é interessante, pois, junto com a nomenclatura trás o seu valor semântico. Dos três manuais apresentados esse é o que se distancia mais dos modelos gramaticais, nota-se uma tendência mais moderna em sua ilustração. Seguem abaixo excertos do livro que aqui se analisa:

Reflexão lingüística

1. Leia a tira.



Caco Gualhardo. Julio & Gina. Folha de S. Paulo. Ilustrada 30 jun.2003.

- Que argumentos são utilizados por cada personagem para convencer seu interlocutor?
- Como Gina parece sentir-se em relação a seu marido? Por quê?
- No segundo quadrinho, que relação à palavra, *mas* estabelece com a frase anterior?

O humor dessa tira baseia-se nas dificuldades de relacionamento do casal Julio e Gina. Observe como, nesse caso, o uso da palavra, *mas* é um elemento importante na composição da situação, pois esse conetivo introduz os argumentos ora de Gina, ora de Júlio, que, contrapostos, travam uma luta verbal, uma oposição de idéias.

Conjunção Coordenativa

Veja a tira a seguir.



Hagar, o Horrível, de Chris Browne.

Observe que, de acordo com o médico, Hagar está em “ótima forma”. Após a cadeira ter quebrado, o diagnóstico muda e Hagar é advertido a “perder algum peso”. O termo que introduz o novo diagnóstico foi, entretanto, cuja função, além de conectar as falas do médico, orientou o sentido da segunda oração, introduzindo uma idéia (“poderia tentar perder algum peso”) que contraria a anterior (“está em ótima forma”).

Veja quais são as principais conjunções coordenativas.

Valores semânticos das conjunções coordenativas

Classificação	Tipo de relação	Principais Conjunções
Aditivas	Adição, Soma	E, Nem
Adversativas	Oposição, Contraste	Mas, porém, contudo, entretanto
Alternativas	Alternância	Ou, ou...ou,, ora... ora, já...já
Conclusivas	Conclusão	Logo, pois, portanto, por isso, então
Explicativas	Explicação, justificativa	Que, porque, pois

Conjunção Subordinativa Ninguém consegue respirar nesses filmes de suspense!!



Cinema filme suspense, de Fernando Gonsales.

Na frase “Se você largar o pescoço do gato, ele consegue”, há duas orações conectadas pela conjunção *se*. Essa conjunção estabelece entre as orações uma relação de condição. Nesse caso, a primeira oração está inserida na segunda, uma vez que tem a função sintática de um advérbio de condição.

A conjunção *se* também liga orações sem determinar uma condição. Na frase “Ela não sabia *se* ele gostava daquele ator”, o *se* introduz uma oração que completa o sentido da primeira.

Veja quais são as principais conjunções subordinadas.

Valores semânticos das conjunções subordinadas adverbiais

Classificação	Circunstâncias que expressam	Principais conjunções
Causais	Causa, motivo	Porque, como, visto que, já que
Comparativas	Comparação	Como, que, assim como, (mais, menos) do que
Concessivas	Concessão	Embora, ainda que, se bem que, mesmo que
Condicionais	Condição	Se, caso, desde que
Conformativas	Conformidade	Conforme, como segundo
Consecutivas	Consequência	(Tal, tão, tanto) que, de modo que
Finais	Finalidade	Para que, afim de que
Proporcionais	Proporção	À medida que, à proporção que, quanto mais... mais
Temporais	Tempo	Quando, antes que, logo que

Morfossintaxe das Conjunções

As conjunções, assim como as preposições, não desempenham função sintática na oração. Como já vimos às conjunções apenas ligam termos de mesma função sintática ou orações de um período composto. São, por isso, considerados conetivos.

No caso do período composto, as conjunções estabelecem o tipo de relação existente entre as orações. Portanto, para uma melhor e correta compreensão das conjunções, é necessário conhecer seu papel dentro da oração, ou seja, conhecer a análise sintática.

Conclusão

Como podemos perceber, segundo os autores supracitados, o papel das conjunções é ligar elementos que tenham o mesmo valor funcional. É uma classe de palavras invariáveis que tem como função conectar orações, estabelecendo entre elas uma relação de coordenação ou subordinação.

Nota-se que o termo conjunção, nos remete a outros termos gramaticais, como o prefixo ou preposição “con” ou ao verbo juntar, “junção” ao adjetivo “junto” e ainda ao substantivo “junção”, ou ainda ao sufixo “ção” que pode designar o resultado de uma ação. Como podemos observar a palavra conjunção é a união de outros termos que se unem para formar e dar sentido a uma classe de palavras.

Tomando como referência os gramáticos citados, percebe-se que há entre eles maneiras distintas de abordar o assunto. Ali e Bechara, por exemplo, enfatizam o emprego da conjunção ao caráter de estruturar a oração, é notável a preocupação relativa ao encadeamento sintático, às unidades menores e seus valores funcionais dentro da oração. É perceptível que cada autor segue uma tendência em relação ao tema, os dois primeiros são mais estruturalistas se preocupam com o papel da conjunção dentro da oração, priorizam o encadeamento sintático, Lima se posiciona da mesma forma que a NGB propõe é mais tradicionalista, se preocupa em mostrar as conjunções como classe de palavras e não de que forma elas funcionam dentro da oração. Cunha e Cintra expressam uma mistura dos demais observados é uma mescla de estruturalista e tradicionalista, assim como Lima se atem a ilustrações das conjunções seguidas de alguns exemplos que pouco esclarecem a respeito da função sintática que elas representam quando se encontram na oração. E do mesmo modo que os tradicionalistas tratam todos os elementos capazes de unir orações independentes de conjunções coordenativas.

Seguindo a abordagem dos autores notou-se que a maioria deles trata as conjunções como uma classe de palavras fechadas, ou seja, palavra que não permite que se criem novos termos a partir de um enunciado, portanto não aberta ao novo. Quanto aos livros didáticos notamos que os dois primeiros (Cadore, Terra e Nicola) seguem fielmente a teoria da NGB, contudo não são claros o bastante para orientar os alunos numa perspectiva funcional são limitados as normas tradicionalistas de listar as conjunções e a seguir aplicar exercícios de fixação aos alunos. Apresentam textos diversificados, mas os exercícios apresentados seguem o mesmo modelo das gramáticas e não oferecem critérios satisfatórios para que os alunos possam entender qual o valor que elas representam como classe de palavras da língua portuguesa. Já o terceiro exemplar foge dos padrões da NGB, se utiliza de uma linguagem mais moderna e uma didática muito mais inovadora para se trabalhar a língua portuguesa em sala de aula inicia com histórias em quadrinhos com exercícios relacionados para que os alunos identifiquem a função das orações nas falas dos quadrinhos, só depois as conjunções são apresentadas. Quanto aos estudos dos gramáticos no que tange as conjunções, percebe-se que os critérios de classe fechada oferecido pelas gramáticas tornam-se confusos, pois alguns deles inserem as locuções conjuntivas as conjunções, mas o que é dito pelos lingüistas a respeito dessa definição. Vejamos o que diz o teórico Said Ali, (2001),

“A conjunção é geralmente tida por uma palavra invariável que serve para ligar as orações. O qualificativo “invariável” vem aqui como reminiscência do antigo sistema gramatical que dividia as palavras em flexivas e inflexivas. Fora disso, não tem valor; nem poderíamos imaginar sequer que um vocábulo destinado a funcionar como elo entre os enunciados mais ou menos complexos dos pensamentos fosse suscetível de gênero, número e caso. Com quem haveriam de concordar? Se é para distinguir a conjunção do pronome relativo que se mantém aquela característica, importa não esquecer que o pronome relativo, representando sujeito ou objeto, é termo essencial à oração, ao passo que a conjunção, como o quer a referida maneira de definir, é elemento estranho.”

Como já foi dito o pensamento da maioria dos gramáticos não é muito claro em relação de ser ou não as conjunções uma classe fechada de palavras por isso essa pesquisa nos levou a investigar qual é de fato o papel desta classe de palavras, e não conseguimos chegar a um consenso, pois nas conjunções subordinadas há muitos termos duplos, como é o caso das conjunções condicionais; contanto que, sem que, uma vez que, dado que, desde que, ou das finais; até que, assim que, antes que, depois que, logo que, tanto que, etc. A conclusão que

chegamos é que na língua falada aparecem muitas locuções que não constam nas gramáticas e, é por isso que talvez no futuro possa-se descobrir que as conjunções não sejam uma classe fechada, e sim uma classe aberta de palavras.

A seguir apresentaremos uma tabela com todas as nomenclaturas das conjunções oferecidas pelos gramáticos que analisamos:

Nomenclaturas das conjunções	
Gramática Tradicional	Coordenação e Subordinação Coordenativa e subordinativa
Said Ali	Coordenativa e subordinativa
Evanildo Bechara	Coordenativa e subordinativa Conector e transpositor Paralelismo e modificativo
Cunha e Cintra	Coordenativa e subordinativa
Rocha Lima	Coordenativa e subordinativa Palavras que possuem força adversativa (coordenativa)

Como podemos perceber na tabela apresentada, os autores divergem na forma de apresentar as conjunções, Bechara, por exemplo, as classifica de modo que pode confundir na hora estudar esses termos. Os demais seguem a NGB, apenas, Lima às vezes se refere às conjunções coordenativas como, palavras de força adversativa. Apesar das mudanças serem inevitáveis e precisas, acredita-se que ainda a nomenclatura mais adequada para as conjunções seja a de coordenativa e subordinativa, já que as orações são classificadas de acordo com a conjunção que a determina, e me parece um tanto estranho nomear uma oração de transposta ou degradada como às vezes são nomeadas por Bechara.

Referências Bibliográficas

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Nova Fronteira editora. Rio de Janeiro 2009.

CADORE, Luís Agostinho. *Curso Prático de Português*, Ática editora, 13. edição, São Paulo – SP, 1999.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luiz F. Lindley *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Nova Fronteira, editora. Rio de Janeiro, 2001.

GROSS, Gaston. Sur le mécanisme de formation d'une classe de connecteurs : du fait que. *Les tables. La grammaire du français par le menu, Mélanges en hommage à Christian Leclère*, Cahiers du Cental n.º 6, Presses Universitaires de Louvain, 2010, pp.121-132.

PENTEADO, Ana Elisa de Arruda LOUSADA, Eliane Gouvêa, MARCHETTI, Greta, STRECKER, Heidi e SCOPACASA, Maria Virgínia, *Para Viver Juntos, Português*, (2011, 2012, 2013)). TERRA, Ernani e NICOLA, José de. *Português, de Olho no Mundo do Trabalho*, Scipione, editora. Volume único para Ensino médio, ENEM, 2006

ROCHA LIMA, Rocha, *Nova Gramática da Língua Portuguesa*, editora. José Olímpio. J.

TAYLOR, John R. *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

SAID ALI. *Gramática histórica da língua Portuguesa*. Brasília: UNB, 2002.